



Artigos originais

# Um Olhar Através Das Grades: Psicoterapia Comunitária Dentro Do Presídio

*A Look Through The Rails: Psychotherapy The Community In Prison*

Cynthia Raquel Ferrabol<sup>1</sup>  
Carlise Ines Groth<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Psicóloga, Especialista em Saúde Coletiva com ênfase na Estratégia de Saúde da Família Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), Chapeco, SC-Brasil.

<sup>1</sup> Psicóloga, Especialista em Saúde Coletiva Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), São Miguel do Oeste, SC-Brasil.

**Resumo:** A Psicoterapia Comunitária, considerada como um espaço onde se procura partilhar experiências e sabedorias vem surgindo como uma nova ferramenta de cuidado nos programas de inserção e apoio à saúde mental da população. O presente artigo relata o trabalho realizado a partir de um campo de estágio da Psicologia comunitária, desenvolvido em um Presidio. Relato de pesquisa qualitativo de abordagem descritiva e empírica. Foi realizado um total de dez sessões, duas por semana em um presídio, contando com doze participantes em média. Os resultados indicaram que falar sobre a sua vida e escutar problemas e sentimentos parecidos com os seus, faz com que as pessoas se apoiem mutuamente e encontrem maneiras de trabalhar seu próprio problema, diminuindo assim a ansiedade e o estresse, bem como o sentimento de solidão e frustração pela realidade em que vivem. As pessoas que estão privadas da vida em sociedade e conseqüentemente possuem relações interpessoais controladas, relatam sentimentos de desgaste psicológico, emocional e físico. A condição de viver dentro de um sistema prisional origina uma crise de identidade acompanhada de desgaste psíquico. Portanto, para que seja conservada a saúde mental e o bem estar dessas pessoas deve-se investir em mais trabalhos que tenham como objetivo diminuir o sofrimento das pessoas que vivem em reclusão. Procuramos, assim, contribuir com o desenvolvimento de ações no campo da Psicoterapia Comunitária.

**Palavras-chave:** Psicoterapia Comunitária, Psicologia e Saúde Mental.

**Abstract:** The characteristics of work in the health area encourages the search for technologies that enable building understanding between people, valuing the multiplicity and respecting the different actors involved in health practices. Thus, Social Constructionism, by enhancing the effects of interaction, relational process and divergent speeches, creates spaces that consider local culture and history, providing opportunities to talk about health beyond disease. This study presents the Appreciative Inquiry as a technology for constructionist research in health, focusing on appreciative descriptions through language. We begin by contextualizing its integration into the public health field, heading for the presentation as a methodological model. Following a brief relation between the Appreciative Inquiry's and the health work, and then present how we can apply this technology in researches.

**Keywords:** Appreciative Inquiry; Public Health; Investigative Techniques.

## 1. Introdução

Conforme Damas e Oliveira, a pena privativa da liberdade, imposta pelo poder judiciário a pessoas condenadas por determinados tipos de crime, tem por objetivos a inibição da prática criminal e sua reabilitação. Entretanto, este último constitui um grande desafio, inclusive no que concerne às condições de infraestrutura, organização e de serviços necessárias para realizá-lo. Para a efetiva reabilitação, os presídios devem

propiciar um ambiente favorável através de acesso à assistência à saúde, atenção psicossocial, apoio pedagógico e laboral, entre outros direitos previstos em leis (3).

Entende-se, atualmente, o aumento das penas, fato que influenciou a escolha do local para a prática de estágio, em um presídio da região Oeste de Santa Catarina. Também se tinha o interesse de trabalhar em um local no qual acreditávamos que as pessoas precisassem de ajuda, e no qual sabíamos de antemão que poucos trabalhos eram realizados e que poucas pessoas voltavam seu olhar para essa demanda.

Conforme Giffoni e Santos (6) estudos recentes têm demonstrado os benefícios terapêuticos da aplicação da Psicoterapia Comunitária, bem como as repercussões dessa modalidade de tratamento, no cotidiano de seus participantes.

Aos poucos começamos a descobrir a enorme necessidade das pessoas, e de como os vínculos dentro dessa instituição se mostravam fragmentados. Por isso foi importante direcionar um "olhar" para o presídio, uma vez que as pessoas que ali estavam demonstravam carência do convívio com outras. E como os próprios indivíduos relatam: "somos pessoas que nem todo mundo; o que difere entre nós e a sociedade é que nós estamos privados de convívio social, mas por isso não deixamos de existir e de ser pessoas". (SIC)

No ambiente do presídio, encontramos pessoas de diferentes procedências, quer seja de família, religião, diferentes idades, costumes, nível socioeconômico e cultural. O que é igual entre todos é que estão distantes da vida livre em sociedade e das relações sociais que mantinham lá fora. Os presos são inseridos em um mundo novo e como tal precisam se adaptar a nova realidade. Passam a receber ordens e seguir regras impostas que se tornam rotina em suas vidas.

Segundo Oliveira (8) "o sistema prisional não representa hoje, uma simples questão de grades e muros, de celas e trancas, mas é visto como uma sociedade dentro de uma sociedade, onde foram radicalmente alterados numerosos comportamentos e atitudes da vida livre." Dessa forma, podemos dizer que a função do presídio é regular o comportamento do sujeito, provocando nele uma mudança que permita que essa pessoa possa novamente viver em sociedade, porém sem cometer crimes, ou seja, passar a agir e comportar-se de acordo com a lei.

Sabemos que o mundo atual avança rapidamente em todos os sentidos. Se para nós, pessoas livres em meio a uma sociedade globalizada e extremamente tecnológica, já é difícil acompanhar as transformações científicas, pensamos, então, no caso das pessoas que se auto intitulam: excluídos da sociedade. Poderíamos assim indagar qual é a relação de todos esses avanços com as relações deles enquanto seres humanos com direitos e deveres iguais a todos os cidadãos? Quais as consequências destes avanços para a vida dessas pessoas depois de decretada sua liberdade?

Precisamos estar convictos de que os seres humanos necessitam de interação para existir e, por isso, a maior condição para a sobrevivência do ser humano está na vida em grupo.

## **2. Metodologia**

Relato de pesquisa qualitativo de abordagem descritiva e empírica. Refere a uma experiência de estágio referente ao componente curricular de Psicologia Comunitária, baseado no autor Adalberto de Paula Barreto (1), em um presídio da região Oeste de Santa Catarina.

A Psicoterapia Comunitária foi realizada em uma comunidade de presidiários, com um grupo de doze participantes em média escolhidas pela administração do local, e nos reuníamos duas vezes por semana com o intuito de realizarmos a vivência, que tinha duração de sessenta minutos.

### **3. Pressupostos Referentes À Psicoterapia Comunitária**

A Psicoterapia Comunitária "é um espaço comunitário onde se procura partilhar experiências e sabedorias de forma horizontal e circular. Cada um torna-se terapeuta de si mesmo, a partir da escuta das histórias de vida que ali são relatadas" (1). A partir desse conceito, começamos a imaginar como seria esse trabalho buscando estudar mais sobre o assunto. Segundo Osório (9), os fenômenos grupais só se tornam inteligíveis ao observador que consente a participar da vivência grupal. Ele entendia que para validar uma experimentação, os grupos deveriam ser no contexto de pequenos grupos (face to face groups), para que permitisse aos seus participantes existirem psicologicamente uns para os outros e se encontrarem em uma situação de interdependência e interação no percurso da troca de experiência, o que também é o objetivo da Psicoterapia Comunitária.

Lewin observou que a integração no interior de um grupo só se dará quando as relações interpessoais estiverem baseadas na autenticidade de suas comunicações e que essa autenticidade é uma atitude passível de aprendizado no próprio grupo (9).

Segundo Barreto (1) a Psicoterapia Comunitária pode ser considerada como um grupo que se reúne, e a partir do relato pessoal de experiências e vivências transforma o sofrimento em crescimento, fortalecendo as relações humanas e criando redes de apoio social. Uma vez que a sociedade como um todo já se mostra bastante individualista, e a vida dentro do presídio não é nada fácil, pois a pessoa entra em um sistema no qual não conhece ninguém, não sabe em quem pode ou não confiar, precisa se adaptar a uma rotina, aprender a conviver e compartilhar suas coisas, respeitar as diferenças, e muitas vezes enfrentar o abandono da família e os amigos, passando a sentirem-se sozinhos e a não ter ninguém com quem compartilhar suas tristezas e sofrimentos.

### **4. Fragmentos De Grupo**

A primeira sessão foi organizada para a apresentação dos terapeutas e explicação do funcionamento da Psicoterapia Comunitária. Falou-se, também, sobre o sigilo, e o fato de que a equipe de terapeutas estava se comprometendo a manter em sigilo a identidade dos participantes e as opiniões sobre os mais variados assuntos que viessem a ser discutidos durante as sessões e que esperava poder contar com o apoio de todos, e de que todos também se comprometessem a manter sigilo.

Foi dito, também, que ninguém é obrigado a falar e também não é necessário falar segredos. Os participantes são livres para falar sobre o que desejarem. Após a realização da primeira sessão de Psicoterapia Comunitária, verificamos que a maior preocupação que tivemos durante o período de preparação foi de como enfrentaríamos o silêncio, pois imaginávamos que na primeira sessão o grupo não teria confiança ainda em falar de seu dia a dia. Porém, nos deparamos com um grupo que se sentia incomodado frente ao silêncio, e que falava muito. Isso logo foi percebido, uma vez que a solidão da vida em cárcere é torturante e deixa mazelas que não podem ser apagadas ou esquecidas. A rotina faz com que eles não consigam esquecer onde estão que estão sozinhos, privados, isolados das pessoas que amam, e que possuem muito tempo livre para pensar, tempo demais, que não passa, e que causa sofrimento, pois apenas o corpo está preso entre os muros do presídio e o pensamento está livre e pode

flutuar para onde quiser. Porém, nessas viagens dos pensamentos, não há como fugir da realidade na qual o corpo se encontra, não existe possibilidade de pensar em futuro, uma vez que o passado condena, a sociedade condena.

O passado, ou os pensamentos referentes a ele, estão presentes, estão mostrando o que esperará a pessoa que termina de pagar a pena, este que voltará para uma sociedade que não tem conhecimento do funcionamento do sistema prisional e que acredita que não existe possibilidade de recuperação, defendendo a idéia de que a pessoa que uma vez cometeu um crime, sempre o cometerá, pois não entendem que o sujeito que acabou de cumprir sua sentença não deve mais nada à sociedade. E, quando todas as portas se fecham, o que resta para o ex-presidiário é, de fato, voltar para a vida criminosa e, conseqüentemente, retornar ao sistema prisional.

O sentimento de injustiça que um prisioneiro experimenta é uma das causas que mais podem tornar indomável seu caráter. Quando se vê assim exposto ao sofrimento que a lei não ordenou nem mesmo previu, ele entra num estado habitual de cólera contra tudo o que o cerca; só vê carrascos em todos os agentes da autoridade; não pensa mais ter sido culpado; acusa a própria justiça. (FOUCAULT, 5).

Após ser lançado ao sistema prisional, a pessoa é caracterizada por uma ficha criminal que irá acompanhar o mesmo para o resto de sua vida. Pois, após o torturante desgaste emocional, físico e psicológico que os mesmos sofrem pelo sistema prisional em geral, essas pessoas sofrem preconceito por parte da sociedade. “Não se pune, portanto, para apagar um crime, mas para transformar um culpado [...] o castigo deve levar em si uma certa técnica corretiva” (5).

A realidade mais cruel com a qual nos deparamos foi a solidão, sentimentos de abandono, de carência. Os assuntos referentes à solidão foram diversos, através de relatos tristes e comoventes. Imagine-se percebendo que as pessoas que você considerava suas amigas de verdade e com as quais você esperava poder contar tanto nas horas boas como más, estão lhe virando as costas, fingindo não lhe conhecer e jamais irem lhe visitar, para pelo menos ouvir a sua versão dos fatos, para lhe dizerem que não virão lhe visitar porque não gostariam de se expor. Mas não dizem uma palavra, fingem que você morreu, ou pior, que você nunca existiu, nunca fez parte da vida deles. É essa a triste realidade da vida da maioria dos presos, que se veem abandonados pelas pessoas que consideravam amigas.

A família, por outro lado, se choca num primeiro momento, mas depois de um tempo volta, apoia e oferece carinho, mostra preocupação pelo bem-estar do detento e mostra que ele ainda é amado, que ele é uma pessoa e que como tal merece ser amada e respeitada. Diante desses fatos, percebe-se como o preconceito frente aos presidiários ainda está presente em nossa sociedade, e de como seria preciso um trabalho de conscientização e de ressocialização.

Os participantes falam sobre como é difícil se adaptar ao sistema prisional, pois enfatizam como é difícil estar o tempo todo no mesmo lugar, com as mesmas pessoas, sem terem nada para fazer, enquanto contam as horas e os dias passar, mas que, infelizmente, passam lentamente. Cada minuto para eles é torturante, porque são minutos que não voltarão mais, e de como é difícil conviver com pensamentos sobre a realidade extra-muros, como seria a vida deles lá fora.

Enquanto em nosso egoísmo íntimo pensamos que o tempo corre demais, que temos muito pouco tempo para fazermos tudo o que gostaríamos, percebemos ao nosso lado pessoas a quem o tempo castiga profundamente. O tempo e as mazelas que ele deixa na vida das pessoas que sofrem por ele, pode ser percebido nas falas dos participantes.

*[...] como dá para ser feliz, quando se vive de lembranças, e o que mais se faz é pensar devido ao tempo que se possui e que parece não passar? [...]. (SIC)*

*[...] eu aqui o que mais faço é olhar no relógio, a minha sentença não é de dias, mais sim de minutos que não passam [...]. (SIC)*

*[...] é ruim ver tudo evoluindo lá fora, e a gente parado no tempo, sem ter o que fazer, sem falar do silêncio que aqui é torturante [...]. (SIC)*

Percebemos como é difícil se manter focado em si mesmo para os apenados, e de como a vida se torna estressante quando o tempo não passa e a pessoa se tortura com pensamentos de como sua vida poderia ser se não tivesse escolhido o “caminho errado”, como afirma um participante enquanto reflete sobre os caminhos escolhidos para não cometer mais os mesmos erros.

*[...] O caminho mais fácil pode ser o mais difícil [...]. (SIC)*

*[...] O que precisamos de verdade é de um Prozac para ser feliz! Pois já busquei todas as maneiras possíveis de insights, todas as respostas na filosofia, mas não encontrei a felicidade [...]. (SIC)*

*[...] Tem certas coisas que é preciso aceitar, sem tentar entender [...] (SIC).*

O passado, que para algumas pessoas é um baú de lembranças de momentos bons, para outras, momentos não tão bons e, para outros, ainda, o passado nada mais é que um conjunto de momentos e fragmentos de histórias que deveriam ser esquecidas, mas que insistem em se manter presentes e mostrando ou dando um breve molde de como será o futuro.

*[...] Será que existe possibilidade de pensar em futuro, quando este está circundado de incertezas devido ao fato de ninguém saber o tempo de prisão, e/ou, quando a ansiedade assume o controle da angustiante espera por uma decisão judicial? [...]. (SIC)*

*[...] será que vale a pena ter esperança de futuro quando o passado condena a gente? [...]. (SIC)*

Todas as pessoas possuem sonhos referentes ao futuro. Costuma-se imaginar como será o amanhã, pois é normal criarem-se perspectivas de futuro, porém, na realidade das pessoas que vivem em cárcere, muitas vezes essa perspectiva de futuro se mostra negativa. Como eles mesmos afirmam, “é difícil pensar em futuro quando se sabe que o passado os condena, e que as pessoas normalmente preferem guardar em suas lembranças um erro, ao invés de todas as coisas boas que a pessoa já fez em sua vida”, e indagam-se se existe a possibilidade de conseguirem “jogar a bola para frente”, e dar continuidade a suas vidas “apesar dos pesares”, ou seja, da realidade que os condena e minimiza.

Segundo Falconi (4), a realidade do presídio pode vir a ser um “inferno” na vida das pessoas inseridas no sistema prisional chegando até a mudar sua identidade. Conforme Goffman (7) “embora alguns papéis possam ser restabelecidos pelo internado, se e quando ele voltar para o mundo, é claro que outras perdas são irrecuperáveis e podem ser dolorosamente sentidas como tais”. Diante disso, um aspecto que pode ser observado, foram pensamentos referentes à vingança, pois alguns participantes questionam se de fato a atual forma de funcionamento do sistema penitenciário é a melhor maneira de promover uma mudança de conduta dos presidiários, ou se os instiga a sair “piores”, com “sede de vingança”. Uma vez que muitos consideram estar perdendo um tempo de suas vidas que não retornará mais, não estando presentes em coisas usuais da vida que os caracterizavam como sujeito. Além de estarem privados de participar do crescimento de seus filhos, do namoro que possuíam, do casamento, sem saberem ao certo se um dia conseguirão restabelecer o vínculo que foi cortado através da prisão. No entanto, a vida não é apenas negativa. Existem altos e baixos na vida de qualquer pessoa, e tudo depende da maneira como a pessoa decidirá encarar as circunstâncias. Algumas pessoas agarram-se com todas as forças em filosofias de vida (religião, ciência, razão), mas será que elas podem fornecer as respostas às perguntas que instigam e movem nossas vidas? Há quem diga que sim, que a vida está o tempo todo nos enviando sinais, e que depende de cada um captá-los e interpretá-los. Mas pelo sim ou pelo não, não há como negar que a fé em uma filosofia de vida pode ajudar as pessoas a enfrentarem as adversidades sem desanimarem. Cada pessoa tem sua forma de ver a vida, suas crenças, ideais e filosofia de vida, e nem por isso o convívio é impossível. Pelo

contrário, os pensamentos diferenciados fazem com que se consiga aceitar opiniões alheias e adquirir mais conhecimento sobre o mundo e as forças que o regem. O fato de se poder compartilhar opiniões proporciona um crescimento individual, e falar das suas dificuldades e opiniões causa alívio e bem-estar. Por outro lado é importante entender que cada pessoa tem seus próprios pontos de vista, e que para diminuir o preconceito temos que conhecer esses pontos de vista, sem jamais desvalorizar o do outro, e conforme um participante, a exposição de opiniões faz com que as pessoas percebam:

*[...] perceber que o que a gente vê, são apenas frações de um todo num determinado momento, e que o que a gente não vê, mas sabe que existe está presente o tempo todo, e interferindo diretamente na vida das pessoas [...]. (SIC)*

*[...] esperar algo "cair do céu" é um erro: deve-se partir em busca do que se deseja [...]. (SIC)*

Diante de uma realidade tão insegura e incerta como a das pessoas que aguardam o resultado de seus julgamentos, de fato se torna indispensável encontrar maneiras de aliviar a tensão. Porém, se em liberdade as pessoas demonstram dificuldade de encontrar maneiras de distração e de escape para a sua ansiedade e estresse, é muito mais difícil encontrar uma forma de distrair a mente estando preso entre os muros do presídio. Muitas vezes, o convívio diário e o conhecimento das etapas ansiogênicas pré-julgamento favorecem as psicossomatizações. Como os participantes relatam "é difícil encontrar maneiras de manter a lucidez mental, e não "pirar" quando o nível de ansiedade toma conta de seu corpo e de sua mente, e você já não sabe mais o que fazer, e o que lhe resta é esperar e se preparar para receber a sentença, positiva ou negativa. E, o pior de tudo é que você sabe que terá que ser forte e superar sozinho".

Em uma sessão, os participantes estavam extremamente ansiosos na espera da sentença, e nesse dia eles trouxeram depoimentos de que quando uma pessoa relata estar com gripe, os demais também o relatam, e neste dia, coincidentemente ou não, todos estavam com sintomas de gripe. Também surgiram outras doenças relacionadas à ansiedade como problemas ao dormir, insônia, pesadelos e gastrite. "[...] Tais sintomas, esclarecem os psicólogos, surgem exatamente para chamar a atenção para o sofrimento psíquico. "Quando são apenas sinais, diz-se que o paciente está somatizando [...]" (BUCHELA; NEIVA, 2).

Um membro do grupo comentou que antes de participar do grupo tinha dias em que chegava a tomar quatro comprimidos para suas "dores estomacais" – gastrite. Outro, ainda, comentou que tinha noites em que ele simplesmente não dormia, ou tinha pesadelos a noite inteira.

A propósito disso, a Psicoterapia Comunitária propiciou uma discussão sobre a ansiedade e seus efeitos maléficos sobre a saúde das pessoas, debatendo sobre a importância do compartilhamento das expectativas, como forma de diminuir a ansiedade e o sofrimento que esta causa no psiquismo das pessoas que convivem com situações ansiogênicas diariamente.

Os presos relataram que estão atrelados em meio a uma sociedade que os exclui de maneira brusca, e por isso não sabem e não conseguem acompanhar todas as mudanças. E o que é pior: sentem um vazio, sentem desejos que não podem ser saciados, sentem falta de coisas muitas vezes simples para nós como um X-salada.

Esses desejos, associados à vida em reclusão, aparecem aos poucos quando a privação começa ser sentida de fato. Impossibilidade de privacidade, do círculo de amizade ao qual participavam, privação do direito de ir e vir, de tomar suas próprias decisões, privações de convívio social como festas, bailes, churrasquinhos, e, também, privações fisiológicas. Quanto às privações fisiológicas, existe a lei que aprova a visita íntima, mas nem todas as pessoas possuem esposas e namoradas, e outras tantas não se submetem a passar por uma situação tão constrangedora como a revista pela qual precisam passar. Há, também, os confiscos de propriedades individuais durante as revistas que ocorrem, e

esse mundo de privações, segundo a autora Oliveira (7), marca o início da perda de identidade do preso.

Com esse vazio e dúvida sobre a própria identidade, as pessoas relataram que tendem a se “apegar” a alguma filosofia de vida, para que esta, de alguma forma, preencha algumas faltas. Alguns encontram na fé e na Bíblia uma motivação para seguir em frente e ter esperança; outros são motivados por uma força interior; alguns preenchem seus vazios tentando ocupar a cabeça com projetos e ajudando os colegas presidiários. Apesar de existir vários pontos de vista sobre o que os motiva a buscar preencher este vazio, cada um respeita a fé do outro e tenta nessa filosofia de vida encontrar respostas para começar uma vida nova, como pode ser visto nesses depoimentos:

*[...] Remoer o passado é uma forma de se prejudicar no presente [...]. (SIC)*

*[...] Aprender com o erro do outro, para não repetir o mesmo erro [...]. (SIC)*

*[...] Lembrar que tudo o que vem fácil, vai fácil [...]. (SIC)*

*[...] Permitir que cada pessoa tenha seu próprio espaço, seu próprio mundo, mas jamais ignorar a pessoa a seu lado por completo [...]. (SIC)*

*[...] Desabafar, falar de si, é uma forma de não se martirizar, de não “se matar por dentro” [...]. (SIC)*

Os membros do grupo relatam que quando foram presos, as pessoas que se diziam ser suas amigas e companheiras os deixaram de lado, como se com um *click* os deletassem para sempre, ou ao menos até serem soltos, quando poderiam voltar e “puxar o saco”. “As pessoas mudam com o tempo e, conforme a ocasião, as pessoas mostram suas verdadeiras caras, bem como as coisas mudam rapidamente” (SIC). Os presidiários nos contaram que quando precisam de uma consulta, ou até mesmo se deslocarem até o fórum, conseguem olhar o “mundo lá fora”, e que isso causa muitas emoções e o ressurgir de lembranças da vida em liberdade, “pois as árvores que eram bem pequenas agora estão grandes, as fachadas de prédios mudaram de cores, e há um aumento desenfreado de casas” (SIC). O mundo e a cidade estão mudando e que eles não estão participando disso, e que terão que se adaptar a essa realidade quando saírem do presídio.

Um aspecto importante a ser destacado é a criação de vínculos de amizades entre eles, muitas vezes nem entre companheiros de cela, mas amizades que começam no pátio e que indicam que durarão por toda a vida.

*[...] as pessoas que conhecemos e que se tornam nossos amigos, que nos apóiam, possibilitando que a gente construa um vínculo tal que jamais poderá ser desfeito, e o convívio com todos os presos que vivem nesse ambiente, e que passam a ser nosso único meio de convívio social, fazem com que busquemos criar vínculos aqui dentro e que muitas vezes permanecerão para sempre, permanecerão na vida em liberdade também [...]. (SIC).*

Os participantes do grupo nos contaram que as relações de amizade que surgem no presídio são difíceis de ocorrer, mas que quando ocorrem são vínculos extremamente fortes. Mas apesar de toda a desconfiança pré-existente no local, também existe solidariedade, pois quando chega uma pessoa nova, o grupo se dispõe a acolher o mesmo emprestando um sabonete, por exemplo, enquanto a família não traz seus pertences.

O mundo da prisão é antes de mais nada um mundo complexo. Não há objetivos comuns definidos, exceto o imediatismo de segregar o indivíduo da sociedade. O conflito do preso com os funcionários da prisão e com os demais presos é uma constante. A vida social numa prisão é sobremaneira difícil e quase impossível devido a um ambiente de desconfiança total, esperteza e desonestidade lá reinantes. (7)

Às vezes nos surpreendíamos com as atitudes dos presos, já que estes nos contaram que como nem todos os presos fumam, eles criam regras entre eles que facilitem o convívio. Uma das regras que um dos participantes nos contou consiste em:

*[...] Ah, a gente tem um trato aqui dentro, tipo, eu não fumo, e tem mais muitos outros que não fumam, mas, vocês devem saber que tem o tal de fumante passivo, e*

*para não prejudicar tanto a saúde dos que não fumam e deixar o ar respirável, nas celas apenas duas pessoas podem fumar por vez, e todo mundo respeita isso, uma vez que como está com super lotação, se todos fumassem juntos, acho que o ar ia ficar irrespirável [...]. (SIC).*

Percebemos que o presídio é um lugar vazio, triste, mas que aos poucos a solidão de cada um faz com que comecem a surgir afetos.

Diversos membros do grupo comentaram que percebiam que estavam envelhecendo rapidamente, que seus cabelos estavam ficando brancos antes da idade. Que o preso envelhece sem perceber, aos poucos, dia após dia nos minutos incontáveis.

De acordo com Goffman (7), a desconfiguração pessoal já começa através das vestimentas, do costume do local, da não existência de produtos cosméticos, da nova maneira de cuidar da higiene pessoal, como a mudança nos banhos. Mas não é só a aparência física que muda, muda também a identidade.

Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários [...] e toda seqüência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais e explícitas e um grupo de funcionários. (7).

O grupo mudou num todo, já que a criação de um vínculo de confiança permitia que se falasse de tudo o que se sentia abertamente sem medo de que o outro pudesse estar julgando. O medo de um diagnóstico deixou de existir e quem sabe estávamos ultrapassando o objetivo de Psicoterapia Comunitária e ingressando aos poucos numa Terapia de Grupo. No último encontro, um vazio assolou os nossos corações. Já estávamos com saudade mesmo antes de encerramos, de fato, o trabalho.

## 5. Conclusão

A realização da Psicoterapia Comunitária proporcionou ao nosso grupo um vasto conhecimento profissional. Além disso, acreditamos que no final desse processo terapêutico saímos mudados, pois a soma de experiências contribuiu de uma forma insigne enquanto psicoterapeutas em formação. Pudemos perceber através desse contato com os sentimentos mais íntimos das pessoas o quão é gratificante nossa profissão.

A Psicoterapia Comunitária vem ao encontro das necessidades que diferentes grupos possuem dentro das diversas realidades em que se encontram e do que precisam para resolver seus problemas no âmbito emocional e nas relações interpessoais. Nesse sentido, a oportunidade de desenvolver a Psicoterapia Comunitária nos mostrou que, através da troca de experiências e falando do dia a dia e das angústias que anseiam cada pessoa dentro de um grupo, foi possível alcançar um crescimento dos participantes e fazer com que cada um encontrasse no relato dos outros a ajuda que buscavam; encontrando, assim, motivação ao se sentir pertencente a um grupo e sabendo que as outras pessoas também passam pelas mesmas dificuldades. E é nesse conjunto de troca de vivências que o sofrimento é transformado em crescimento mútuo dos que se entregam a uma nova experiência de aprendizado e transformação de si mesmos.

A Psicoterapia Comunitária proporcionou a estas pessoas a oportunidade de dividir suas angústias que, na maioria das vezes, era a mesma que as dos demais participantes, pois eles estavam submetidos às mesmas regras. Regras essas, muitas vezes rígidas e dolorosas, aplicadas em um ambiente que por si só é triste e torturante.

Sabemos que toda pessoa busca constantemente encontrar a felicidade e sentimentos de prazer, ou mesmo evitar ao máximo as situações de sofrimento e desprazer. Porém,

nesse ambiente, evitar o desprazer é difícil, uma vez que o tempo se encarrega de machucar e fazer os detentos pensar e refletir sobre suas vidas, muitas vezes deixando lembranças que dificilmente poderão ser apagadas.

Descobrimos que ajudar as outras pessoas a refletir sobre suas vidas é gratificante, ainda mais num ambiente tão diferenciado e excluído da sociedade. E que cada grupo é único em sua forma de agir e encarar as circunstâncias da vida e, que como tal, nós também precisaremos estar abertos a nos adaptar às necessidades de cada grupo. Abertos a ingressar em suas vidas sem questionar suas atitudes, pois é na troca de vivências e no convívio que cada um perceberá e refletirá sobre suas próprias atitudes em comparação a dos demais membros do grupo.

## Referências Bibliográficas

1. (1) BARRETO, Adalberto de Paula. Psicoterapia Comunitária passo a passo. Fortaleza, CE, Gráfica LCR, 2005. 336 p.
2. (2) BUCHELA, Ana Paula; NEIVA, Paula. Quando o cérebro é o médico...e o monstro. Veja, São Paulo, ano 39, n. 25, p.66-76, jun. 2006.
3. (3) DAMAS, Fernando Balvedi Damas; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. A saúde mental nas prisões de Santa Catarina, Brasil. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, Florianópolis, v.5, n.12, p.1-24, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/CINTIA/Downloads/1758-10709-1-PB.pdf>. Acesso em: 02 de jul. 2014.
4. (4) FALCONI, Romeu. Sistema presidial: reinserção social. São Paulo: Atlas, 1998.
5. (5) FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 288 p.
6. (6) GIFFONI, Francinete Alves de Oliveira; SANTOS, Manoel Antônio dos. Terapia comunitária como recurso de abordagem do problema do abuso do álcool, na atenção primária. Rev. Latino-Am. Enfermagem. Ribeirão Preto, v.19, p. 821-830, 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692011000700021&script=sci\_arttext>. Acesso em: 02 de jul. 2014.
7. (7) GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva, 1996.
8. (8) OLIVEIRA, Odete Maria de. Prisão: um paradoxo social. Florianópolis: UFSC, 1984.
9. (9) OSÓRIO, Luiz Carlos. Psicologia Grupal. Porto Alegre, RS: Artmed, 2003.

---

Artigo Recebido: 22-09-2015

Aprovado para publicação:

### **Cynthia Raquel Ferrabol**

Universidade do Oeste de Santa Catarina-SC (UNOESC)

Rua Oiapoc, 211- Agostini

CEP: 89900-000 São Miguel do Oeste, SC – Brasil

Email: [cynthiaraquel.ferraboli@yahoo.com.br](mailto:cynthiaraquel.ferraboli@yahoo.com.br)

Tel.: (49) 9997-9876

---